

**O SILENCIAMENTO E APAGAMENTO DAS NARRATIVAS
BIOGRÁFICAS DE DONA FULÔ E OUTRAS JOIAS NEGRAS À LUZ
DA PALESTRA "COMO SER UM EDUCADOR ANTIRRACISTA?" DE
BÁRBARA CARINE**

Agrícia Rafaela Santos de Souza ¹
Ellen Francine Santos dos Santos ²
Isabela Santos do Nascimento ³
Simone Souza de Assumpção ⁴

RESUMO

O Subprojeto Interdisciplinar Pedagogia, Letras e Ciências Sociais, intitulado “Narrativas biográficas e autobiográficas: seleção, leitura e produção de textos na perspectiva da igualdade de gênero para a formação docente na escola pública”, está sendo desenvolvido no âmbito do PIBID-UFBA (CAPES: 2024-2026). Nesse contexto, o presente trabalho se dispõe a articular a palestra “Como ser um Educador Antirracista?”, ministrada pela Professora Doutora Bárbara Carine na Semana Pedagógica da Rede Municipal de Salvador referente ao ano letivo de 2025, à visita guiada à Exposição “Dona Fulô e outras Joias Negras”, que conta com a curadoria feita por Carol Barreto, Eneida Sanches e Marília Panitz e reúne obras de 22 artistas baianos contemporâneos da coleção de Itamar Musse, tomando como base os escritos das autoras deste trabalho sobre estas experiências nos memoriais de formação, documento construído individualmente no contexto do subprojeto a respeito das formações comuns e específicas, oficinas e visitas guiadas associadas à leitura e discussão da bibliografia obrigatória. Assim sendo, o texto utiliza Pineau, que propõe uma metodologia de pesquisa-ação-formação existencial ao promover a possibilidade de teorização do passado e presente, bem como a ideia de Grada Kilomba sobre o silenciamento científico de mulheres negras, como referenciais teórico-metodológicos. Dessa maneira, espera-se demonstrar como a tentativa de silenciamento e/ou apagamento das narrativas biográficas e autobiográficas das mulheres da Exposição era resultado de um racismo ontológico, conceito abordado pela palestrante, pois embasava-se na desumanização desse grupo social, assim como explicitar que tais silenciamentos ainda se perpetuam na contemporaneidade, incluindo no meio científico. Em função disso, ser um educador antirracista, como propõe a professora Bárbara Carine, é indispensável para a construção de uma educação equitativa em que meninas e mulheres tenham suas narrativas preservadas, respeitadas e (re)conhecidas.

Palavras-chave: Narrativas biográficas e autobiográficas, Silenciamento, Memorial de formação.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia - UFBA, agriciarss@ufba.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia - UFBA, ellenfs@ufba.br;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia - UFBA, isabelasn@ufba.br;

⁴ Doutora pelo Curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, simonea@ufba.br;



INTRODUÇÃO

Tal como exposto no plano do Subprojeto Interdisciplinar Pedagogia, Letras e Ciências Sociais⁵, existe o silenciamento de determinados debates no contexto escolar, especialmente quanto à temática de igualdade de gênero. À vista disso, o PIBID PED/LET/CISO tem como objetivo geral discutir e promover o protagonismo feminino, por meio da leitura crítica de obras que dão voz e lugar a figuras históricas ancestrais e contemporâneas, assim como realizar Oficinas de Produção de Textos voltadas a este tema nas escolas que o grupo está presente.

A importância dessas ações está em valorizar narrativas e escritoras motivadoras e produtoras de conhecimento, silenciadas tanto na literatura quanto no cotidiano dentro e fora dos espaços escolares. Portanto, torna-se imprescindível fortalecer a disseminação e discussão dessas produções, pois possibilitam estudar, teorizar e construir aprendizados a partir das vivências e abordagens teóricas discutidas, incentivando meninas e mulheres dos ambientes escolares a identificarem as suas potencialidades e intelectualidades enquanto também poderão construir autoconhecimento e reflexividade através da escrita de suas futuras narrativas autobiográficas.

Nessa direção, o presente texto consiste em um relato de experiência que articula dois momentos vivenciados pelos estudantes-bolsistas no âmbito do subprojeto interdisciplinar: a visita técnica à Exposição Dona Fulô e outras Joias Negras e a palestra ministrada pela docente da Universidade Federal da Bahia, considerada referência nacional em pedagogia antirracista e ciência inclusiva, Bárbara Carine, intitulada “*Como ser um Educador Antirracista?*”. Para tal, utiliza-se a metodologia de pesquisa-ação-formação existencial de Pineau (2006) em um movimento de resgate às experiências vivenciadas para construção do saber docente.

Dessa maneira, por meio do conceito de interseccionalidade de Bilge e Collins (2021), será demonstrado como a tentativa de silenciamento e/ou apagamento das narrativas biográficas e autobiográficas das mulheres da Exposição é mais uma violência sofrida por consequência de uma questão mais profunda: o racismo ontológico, ou seja, um racismo que desumaniza a pessoa negra. Em função disso, para ser um educador antirracista, como propõe

⁵ Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1-F_Nv134gKpaRfa2zwU9JL_D5XOZeMgo/view?usp=sharing. Acesso em: 10 out. 2025.





a professora Bárbara Carine, é indispensável para a construção de uma educação equitativa em que meninas e mulheres tenham suas narrativas preservadas, respeitadas e (re)conhecidas.

METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa e descritiva, fundamentada na análise crítica de vivências e práticas ocorridas no âmbito do PIBID interdisciplinar PED/LET/CISO. Para tanto, recorre-se a um processo de reflexividade e de escrita de si, tomando por base a metodologia de pesquisa-ação-formação existencial de Pineau (2006), ao promover a possibilidade de teorização do passado e presente num processo de associação das principais ideias, inquietações e teorizações resultantes dos momentos vivenciados com a própria prática docente.

Este movimento, segundo Souza (2019), revela-se um importante subsídio na constituição da identidade docente. Nessa direção, situa-se a busca incansável de consolidar uma ação formadora completa, embasados em Anísio Teixeira (1994), tanto para os estudantes da rede pública de ensino das três escolas públicas onde o subprojeto está sendo desenvolvido, por meio da escrita de biografias e autobiografias de mulheres, quanto para nós, bolsistas-licenciandas, através da escrita dos memoriais de formação, documento que reúne experiências em formações comuns e específicas, oficinas e visitas guiadas associadas à leitura e discussão da bibliografia obrigatória.

Dessa forma, os memoriais das autoras deste relato foram utilizados como fonte, servindo como ponto de partida para a análise por conter registros reflexivos da exposição itinerante do Museu de Arte Contemporânea da Bahia intitulada “Dona Fulô e Outras Joias Negras”, assim como trechos da palestra “Como ser um educador antirracista?” de Bárbara Carine.

Nessa direção, a sistematização dos dados foi realizada em uma articulação de apresentação e análise de ambas experiências, dialogando com autoras como Grada Kilomba (2019), a fim de demonstrar como a tentativa de silenciamento e/ou apagamento das narrativas biográficas e autobiográficas das mulheres da Exposição era resultado de um



racismo ontológico, pois embasava-se na desumanização desse grupo social, assim como explicitar que tais silenciamentos ainda se perpetuam na contemporaneidade.

A escolha dessa metodologia justifica-se pela natureza do relato, cujo objetivo é compartilhar práticas, refletir sobre os processos vivenciados de forma crítica e comprometida com a discussão acadêmica em torno da temática de gênero, numa perspectiva biopolítica em um movimento indissociável de práxis (Freire, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão acerca do apagamento das mulheres na história não é nova. Na verdade, Jane Freire (2013) argumenta que a história das mulheres é marcada pela dominação masculina, que se impõe por meio da violência simbólica e afasta as mulheres do campo do conhecimento, tanto no que se refere à sua aquisição, como no que diz respeito à sua produção. Por esta razão, faz-se necessária a análise da visita guiada à exposição “Dona Fulô e outras Joias Negras” e a palestra “Como ser um Educador Antirracista?” ministrada por Bárbara Carine, a fim de indagar de quais maneiras construiu-se o conhecimento acerca das mulheres, percebendo as barreiras impostas pelas violências de gênero e de raça, bem como dialogar sobre as resistências às mesmas.

Primeiramente, discute-se a impossibilidade de pensar a presença e a produção das mulheres sem ponderar os marcadores sociais que se impõem a suas vivências. Bilge e Collins (2020) apresentam a interseccionalidade como uma categoria analítica que considera que gênero, raça, classe, entre outros, são inter-relacionados e moldam-se mutuamente, afetando todos os aspectos do convívio social dos indivíduos.

Assim sendo, utilizar a categoria de Bilge e Collins (2020) torna-se indispensável na construção deste texto, visto que a exposição “Dona Fulô e Outras Jóias Negras”, exibida no Museu de Arte Contemporânea, objetiva retratar biografias silenciadas de mulheres que sofreram uma violência específica resultante da intersecção indissociável das relações de raça e gênero, pois, como observado por Davis (2016), apesar de mulheres e homens negros compartilharem algumas das vivências de opressão, alguns abusos só poderiam ser infligidos às mulheres.





Isto posto, a Mostra surge a partir de uma coleção de adornos conhecidos como “Jóias de Crioula” e, dividindo-se em três temas, aborda diferentes aspectos da história. Assim, por meio de fotografias, roupas, cartas, jóias e outros elementos, é exibida a história de Florinda Ana do Nascimento, a dona Fulô, bem como de outras mulheres escravas, livres ou libertas de ganho, as “outras jóias negras”, que conquistaram a liberdade por meio do trabalho nas ruas no contexto do século XIX.

Tal trabalho era parte de um sistema de ganho em que havia um acerto entre escravizados e escravizadas e seus senhores que lhes permitia o ganho de rua, em tempo parcial ou integral, sendo parte do lucro entregue ao senhor. Nesse contexto, mulheres negras do século XIX, algumas expostas na Mostra, mantinham o sistema para comprar cartas de alforria para os familiares e amigos, e desenvolveram o auxílio mútuo em entidades como a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, a chamada “economia da liberdade”.

Factum (2009) demonstra que isso foi possível em razão da maioria destas mulheres serem de origem nagô-iorubá e trazerem consigo heranças da sociedade iorubana em que a busca pela obtenção de jóias, tecidos e enfeites, bem como a livre circulação e troca comercial entre as cidades próximas faziam parte de suas vidas. Tal experiência revelou-se, portanto, um elemento primordial que justifica o fato destas mulheres conseguirem acumular riqueza através dos adornos e roupas suntuosas, símbolo de prosperidade e um método seguro de poupança para a conquista de alforrias.

Por outro lado, esta coleção de peças tão importante para a história do povo negro é comumente apresentada sendo associada a uma ação dos senhores que adornavam suas escravas para exibir e demonstrar seu poder e riqueza, o que retira o lugar de agente da mulher negra.

É válido pontuar que as informações sobre as mulheres da Mostra não são de fácil acesso, por consequência os dados sobre as mesmas eram esparsos, apenas em pequenos textos em painéis e fichas, fato que dificulta a análise e comprova a dificuldade em encontrar fontes sobre essas mulheres. Isto foi algo que nos incomodou desde a visita, pois, por mais que existam registros sobre Dona Fulô e algumas das demais mulheres negras expostas, havia inúmeras fotografias de mulheres com histórias de vida desconhecidas e outras que não tinham nem a identificação de seus nomes. Mesmo Dona Fulô, personalidade que nomeia a Exposição, possui o compartilhamento tardio sobre a sua história.





Como Factum (2009, p. 210) nos elucida em sua tese: “[...] os poucos estudos realizados a respeito da joalheria escrava baiana não davam conta de inúmeras indagações, especialmente àqueles que desejam contemplar a voz e a visão da usuária destas jóias, pois as mulheres ainda são os silêncios da história [...]”. Nesse sentido, acessar, tão tardiamente, fragmentos da história dessas mulheres, evidencia a desumanização abordada pela professora Bárbara Karine na palestra sobre a qual abordaremos a seguir.

A fim de estimular o debate sobre o racismo, a Rede Municipal de Salvador estabeleceu o tema da Jornada Pedagógica do ano letivo de 2025: Direito à Aprendizagem: Construindo Caminhos para Alfabetizar na Perspectiva de uma Educação Inclusiva e Antirracista. Na ocasião, convidou a palestrante, professora e militante negra, Bárbara Carine, para discutir “*Como ser um educador antirracista?*”, a partir da apresentação de um capítulo da sua obra (2023) homônimo da palestra, na qual a autora expôs como o racismo se apresenta no Brasil e, com base nisso, propôs posicionamentos para enfrentamento do mesmo.

Não há como falar de racismo sem refletir criticamente sobre o conceito de raça. Por isso, a palestrante apresentou de que forma esse conceito surge como marcador de hierarquização humana, para fins de exploração e dominação. Nesse processo, ciência e filosofia estiveram diretamente relacionados à construção da ideia de que o povo negro é inferior no plano genético/biológico, ou seja, “naturalmente inferiores”, e aqui no Brasil, o racismo se constituiu pela base fenotípica, o que significa dizer que a diferença das raças se dá por estética. Dessa forma, o grupo social que elaborou e estabeleceu tais ideias, as pessoas brancas, são vistas no lugar de “sujeito universal” e aqueles que não se assemelham a elas são vistos como os “outros”.

Nessa direção, constata-se que a posição social ocupada pelas pessoas negras relaciona-se com a posição social das pessoas brancas, visto que para que estas estejam permanentemente em uma situação de privilégio, as pessoas negras precisam ser submetidas à subalternização. Dessa maneira, em uma sociedade estruturalmente racista o grupo privilegiado se beneficiará a despeito de suas vontades singulares e individuais, pois a branquitude se estabelece como “[...] um lugar de valor e uma posição cuja ocupação oferece aos sujeitos o recebimento e a distribuição de benefícios simbólicos e materiais apenas por pertencerem a esse grupo social” (Carvalho; Schucman, 2022, p. 7).





Sendo assim, é possível retomar esta discussão de Bárbara Karine, para analisar o porquê as narrativas de dona Fulô e das outras “Joias Negras” foram invisibilizadas, percebendo como tal conceito relaciona-se com a desimportância conferida às vidas negras.

As mulheres negras apresentadas na exposição ainda estavam vivendo em um período em que a escravização era permitida por lei, e, como forma de combate a isso, elas se organizaram coletivamente para trabalhar e conquistar a liberdade, não apenas de si mesmas, mas também de outras pessoas, como anteriormente mencionado. Considerando isto, torna-se fulcral repensar a ideia construída de que o povo branco, na condição de dominador, foi o responsável pelos processos de concessão de liberdade e oportunidades para o povo negro. Albuquerque (2009), ao discutir sobre os períodos pré e pós-abolicionista, argumenta como a abolição da escravatura não foi dada como um presente, mas fruto da luta por liberdade e condições de vida do próprio povo negro.

Dito isto, confronta-se o local de passividade atribuído às pessoas negras, argumentando a resistência histórica delas diante do silenciamento e da invisibilização a elas conferida. Sendo assim, importa pontuar que as pessoas negras lutam, resistem, contam suas histórias e produzem conhecimento, todavia a elite continuamente as relega aos limites da marginalidade de forma historicamente violenta, perpetuando a visão do escravizado destituído de autonomia.

Nessa direção, retoma-se o conceito de interseccionalidade para destacar que as personalidades da exposição, além de serem negras, eram mulheres, o que as posiciona em um local específico em uma sociedade patriarcal, machista e racista que as distancia do saber, pois, mesmo que ousem falar, suas vozes não são escutadas. Grada Kilomba (2019) discorre sobre a dificuldade das mulheres falarem dentro do regime repressivo do colonialismo e do racismo, esclarecendo que os grupos subalternos não são cúmplices voluntários da dominação. Tampouco, sua produção não é considerada erudição e ciência por aqueles que detêm o poder acadêmico e social. Para mais, a autora aborda como, no campo do saber, comumente as pessoas negras são feitas “objetos” de estudos e de investigação, mas não sujeitos do processo.

Concordando com isto, Bárbara Carine, ao falar sobre sua trajetória acadêmica e profissional, revela que, por ter como modelo de intelectualidade apenas a perspectiva brancocêntrica Ocidental, não conseguia se perceber como intelectual mesmo após ter





encerrado seu doutorado na Universidade Federal da Bahia, uma universidade pública de grande prestígio. À vista disso, pode-se perceber que, para pessoas negras, até mesmo o ato de se reconhecer e validar as suas vivências e produções é um processo complicado, afinal, o empoderamento e a satisfação consigo mesmo também advém do que é aceito ou não na sociedade, aceitações essas que são mais criteriosas ainda quando se trata das mulheres negras.

Isto posto, evidencia-se a importância da Exposição para o resgate de narrativas historicamente esquecidas, silenciadas e apagadas, visto que conhecer estas mulheres é conhecer também uma história do país e do povo negro que vai de encontro à história hegemônica, institucionalizada na educação básica, que denota a ideia de passividade. Para este subprojeto este confronto é ainda mais valioso, pois, como brevemente apresentado, busca promover a escrita de narrativas biográficas e autobiográficas de mulheres importantes para a comunidade a qual a escola se integra que, dado o contexto soteropolitano, é formada por estudantes — posteriormente autores — majoritariamente negros, que estarão escrevendo sobre mulheres negras, muitas vezes de seu convívio. Este é, também, um dos pequenos passos para torná-los não apenas objeto de estudo, mas sujeitos produtores de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das experiências relatadas neste artigo, evidencia-se a demanda de romper com o ciclo de silenciamentos que, historicamente, apagam as narrativas de mulheres negras dos diversos espaços da sociedade. Assim sendo, ressalta-se que é este o principal objetivo do subprojeto interdisciplinar: pensar e construir narrativas biográficas e autobiográficas de mulheres para uma formação docente pautada pela perspectiva de igualdade.

Tal formação é um processo contínuo, composto por elementos da história familiar e da cultura pessoal, do processo de escolarização, dos cursos de formação profissional e da própria experiência da profissão (André; Vieira, 2006). Portanto, a experiência no Programa Institucional de Iniciação à Docência possibilita que os bolsistas construam diferentes saberes no processo de constituição de sua identidade docente, saberes estes que, como dito anteriormente, não estarão restritos aos saberes acadêmicos, mas estender-se-ão à articulação da pluralidade dos saberes.





À vista disso, a visita à exposição permitiu que refletíssemos como a identidade de uma mulher negra foi historicamente construída em um movimento de violências, silenciamentos e apagamentos que evidenciam o lugar de marginalidade que as mesmas se encontram. Todavia, perceber a exclusão a que as mulheres negras foram submetidas também pode gerar a coragem necessária para a luta, pois, como afirma Grada Kilomba (2019, p. 69), o espaço periférico não é apenas espaço de privação, mas também espaço de possibilidade, visto que “[...] a opressão forma as condições de resistência”. Sendo assim, tomar consciência da exclusão permite que o sujeito compreenda a estrutura das violências, para que o mesmo não reduza a desconformidade à falta de mérito pessoal.

Além do mais, como futuras docentes, é fulcral a reflexão da temática para o desenvolvimento de práticas que intencionem a compreensão das diferentes manifestações do racismo e como combatê-las, assim como a construção da identidade racial numa perspectiva de humanização, orgulho, pertencimento e empoderamento, a fim de conceder ao povo negro que veio antes de nós, os nossos mais velhos ainda vivos e todo o restante da comunidade negra, o valor e o poder que lhes foi negado historicamente.

Nesse ínterim, urge a necessidade de representatividades nos espaços sociais, afinal, onde as pessoas não se veem, não se projetam (Pinheiros, 2023). Assim sendo, perceber as “joias negras” possibilita o reconhecimento de tantas mulheres negras, bem como as possibilita vislumbrar uma trajetória de inconformidade aos limites da marginalidade, e uma busca por se autonarrar além do que lhe foi, histórica e brutalmente, permitido.

Para concluir, reafirmamos as ideias Pineau (2006), pois o processo de teorização das experiências aqui discutidas é resultado de uma construção que se desenrolou ao longo de todo o ano. A cada diálogo, escrita e reescrita, pesquisa e leitura de referenciais bibliográficos, mais nos muníamos de repertório teórico-prático que engrandece e aprofunda a nossa formação para exercer uma docência fundamentada nos princípios da igualdade, humanização e empoderamento de todos nós.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **O jogo da dissimulação: Abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.





ANDRÉ, Marli; VIEIRA, Marili. O coordenador pedagógico e a questão dos saberes. In: ALMEIDA, Laurinda; PLACCO, Vera Maria (orgs). **O coordenador pedagógico e a questão dos saberes**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 11-24.

BILGE, Sirma; COLLINS, Patrícia Hill. **Interseccionalidade**. Boitempo, 2021. Disponível em: http://www.ser.puc-rio.br/2_COLLINS.pdf. Acesso em: 10 out. 2025.

CARVALHO, Felipe. N.; SCHUCMAN, Lia. V. A contribuição dos estudos críticos da branquitude para compreensão do preconceito racial na psicologia social. **Quaderns de Psicologia**, v. 24, n. 1, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/v24-n1-carvalho-schucman/1760-pdf-pt>. Acesso em: 10 out 2025.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Traduzido por Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FACTUM, Ana Beatriz Simon. **Joalheria escrava baiana: a construção histórica do design de jóias brasileiro**. 2009. 335 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FREIRE, Jane Luci Ornelas. **Maria Luiza de Sousa Alves e a educação feminina na Bahia**. 2013. 314 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-formação-ação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio-ago. 2006.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista** [livro eletrônico] / Bárbara Carine Soares Pinheiro. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. ePUB

SOUZA, E. C. de. Escritas de si e práticas de formação: diálogos implicados sobre histórias de vida e formação de professores. In: ASSUMPÇÃO, S.S.; SANTOS, J. H.F. (Orgs.). **Redes de aprendizagens entre a escola e a universidade**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 93-114.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

